

Moral sexual entre imigrantes poloneses: pensando o controle familiar e a produção de subjetividades na colônia Cotegipe (1930-1950)

Autora: Paloma Almada Czaplá

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Weber

Financiamento: PIBIC (CNPq/PROPEAQ/UFRGS)

INTRODUÇÃO



A pesquisa insere-se no projeto “Imigração polonesa em Barão de Cotegipe”, que teve início em fevereiro de 2016. Primeiramente, o projeto buscava contemplar a imigração polonesa e a identidade étnica, tendo em vista que a cidade é um importante núcleo de poloneses. No entanto, deslocou-se para os processos de subjetivação, a sexualidade e as relações familiares. O deslocamento temático foi motivado pela existência de inúmeros processos judiciais relativos a crimes sexuais que ainda não foram analisados e que permitem pensar sobre as formas pelas quais os sujeitos se constituem, a partir da análise de práticas familiares e moralizantes. Ao lado esquerdo, a localização de Cotegipe no mapa.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho teve como objetivo compreender o papel da família no tocante aos processos de subjetivação, a forma como a sexualidade dos membros da família era moldada a partir de estratégias de controle e, ainda, as inúmeras formas de resistência praticadas pelos indivíduos em relação a um modelo de subjetividade dominante. As fontes para tanto foram os processos-crime, as leituras bibliográficas e a história oral.

RESULTADOS

Foi observado que a família produz processos de subjetivação dominantes por meio de discursos e práticas de controle, vigilância e punição. Esses processos se pautam por um modelo moral e sexual, mas não são vivenciados da mesma maneira. Os sujeitos criam estratégias de resistência que transgridem a ordem moral hegemônica, desde atos cotidianos até atos que configuram crimes. Além disso, outra consequência desses discursos e práticas familiares está em produzir uma pressão psicológica e moral bastante rígida sobre as mulheres, enquanto os homens tem suas condutas legitimadas e quase isentas do controle familiar e do julgamento moral. Nesse sentido, os processos de subjetivação dominantes são produtores de feminilidades e masculinidades que moldam a subjetividade dos sujeitos. Ao lado direito, foto do casamento dos pais de uma entrevistada na Polônia.



ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; **BEAUVOIR, S.** *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016; **BOURDIEU, P.** *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017; **DELEUZE, G.; GUATTARI, F.** *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: 34, 1995. **DONZELOT, J.** *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; **FOUCAULT, M.** *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006; **FOUCAULT, M.** *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. **FOUCAULT, M.** *História da sexualidade*. São Paulo: Paz e Terra; **FLANDRIN, J. L.** *O sexo e o ocidente*. São Paulo: Braziliense, 1988; **GARDOLINSKI, E.** Imigração e colonização polonesa. In: **BECKER, K.** *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Regional, 1958; **GUATTARI, F.** *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011; **PEDRO, J.; GROSSI, M.** *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998; **WELZER-LANG, D.** A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos feministas*, 2001, p. 460-482.